

Dos expedientes e extravios de Dr. Pacheco, *PhdP*

Por Mauro Bartolomeu, *Ildmo. Doc. Omni., MM. Mast.*¹

Resumo: Um dos princípios da ‘Patafísica (JARRY, 1911), embora ela não tenha nem princípio nem fim, assegura que se uma proposição é possivelmente verdadeira, nem sempre será possivelmente falsa, embora possa ser necessariamente falsa, sem deixar de ser possivelmente verdadeira. Assim queda excluído o princípio aristotélico do terceiro excluído. Podemos até mesmo incluir um quarto e quiçá um quinto. Tudo é e não é, assevera o autor do *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1956). Logo, conclui Dr. Pacheco, PhdP pela Aircastle University of Nevermore, nem tudo o que é, é; e, o que é mais grave: nem tudo *é o que é* (PACHECO, s/d), o que ocasionalmente impossibilita, por exemplo, que um resumo possa ser um resumo, mesmo diante da impossibilidade de ser algo totalmente diverso, como, digamos, uma casca de amendoim.

Palavras-chave: mágica involuntária, fenômenos paranormais, fenômenos naturais, esoterismo, objetos desaparecidos, teoria da informação, ontologia, calções.

Abstract: It is strongly recommended that you learn to read in Portuguese to better appreciate the taste of this text. Dr. Pacheco, PhdP from the Aircastle University of Nevermore (PACHECO, n.d., ever n.d.) would not be happy to know that you are not fluent in your mother tongue. Ceci n’est pas un résumé.

Keywords: really true magic, *phænomena paranormalia*, *phænomena cotidiana*, esoterism for dummies, *absentia obiecta*, *theoriæ notitiæ*, to be or not to be, shorts.

¹ Mauro Bartolomeu é membro do Núcleo de Arte Conceitual de Batatais, atuando no Departamento de Fábrica de Ideias, Subdivisão de Problemas Insondáveis.

Alguém poderia estranhar que em pleno século 21 ainda façamos uso dos correios, e reconheço que isso bastaria para dar a uma crônica literária certa pimenta de realismo mágico, mas nos últimos anos temos nos acostumado a tanta ideia medieval espalhada nas redes sociais (como chamamos os dispositivos eletrônicos de permanecer antissocial fingindo estar em contato com outras pessoas), que os correios ainda nos parecem uma grande conquista da civilização. Deve ser por isso, aliás, que o governo quer tanto privatizar a empresa. O caso é que numa dessas tardes de céu sem nuvens, ou nublado, tanto faz, você está saindo da agência dos correios do centro de Batatais, essa inoxidável cidade da América do Sul, quando, ao destrancar o cadeado da sua bicicleta e tentar recolhê-lo, percebe que ele, que já tinha se desenrolado da barra do corrimão da rampa de acesso para pessoas com necessidades especiais, como num passe de mágica está enroscado na barra inferior daquela armadura de aço tubular. Você imediatamente olha para os lados, certo de que encontrará o riso largo de Caíque Tostes, *Magister Magii*, o nosso Houdini, o Mandrake da vida real, o James Randi brasileiro, que acaba de lhe pregar uma peça. Mas não, ele não está por perto — ou então é muito bom em desaparecer também, hipótese que não deve ser descartada tão depressa.

Mas eventos desse tipo continuam acontecendo. Você vai passar o cadeado na janela numa dessas noites frias, e sim, nesse caso a noite precisa estar realmente fria, mas ao erguer a mão para ele, deixa a chave cair no chão. Eu disse no chão? Mas você olha imediatamente, e a chave não está lá. Tampouco está no parapeito da janela. Você se abaixa para verificar se ela não terá caído embaixo da cama. Nesse momento, sente algo gelado no cotovelo; arregaça as mangas da blusa e lá está a chave perdida! O próprio Caíque não teria feito melhor! Mas ele definitivamente não tem nada que ver com isso; mágicos podem desaparecer, mas não consta que atravessem paredes. Trata-se de uma intervenção do egrégio Dr. Pacheco, coisa de que até agora apenas iniciados tinham ciência.

Calma lá, não pense que esse tipo de coisa só aconteça com chaves e cadeados, isso seria uma conclusão muito precipitada da sua parte, embora eu reconheça que talvez não tenha sido feliz na seleção dos meus exemplos. Pois às vezes é uma caneta, um clipe para papel, uma pinça de filatelia, uma lupa, um isqueiro, e não há razão suficiente para crer que não pudesse ser qualquer outro objeto, uma vez que estivesse à mão. Falo apenas, portanto, da minha experiência personalíssima. Um item que costuma sumir com certa frequência são os livros: Dr. Pacheco é um leitor voraz. Pode ser aquele *Admirável Mundo Novo* que você criticou um tempo atrás (bem feito!), ou aquele Fausto Wolff que você não queria emprestar de jeito nenhum (bem feito também!). Mas outra vez eu posso estar falhando em minha exposição, pois agora posso ter sugerido algum papel moral em tais investidas. Elas não o têm, absolutamente, como o demonstra seu caráter aleatório, e se podemos eventualmente nos julgar punidos por tais lances é apenas porque temos muita culpa no cartório. Pois também não desapareceu aquele Christopher Hitchens que você justamente queria emprestar para o seu crush? Sejamos sempre céticos e analisemos cuidadosamente os fatos. Comprimidos caem no seu colo e desaparecem: estarão dentro de um dos bolsos? Você procura até nos de outros calções, nas gavetas, na carteira, na vã esperança do teletransporte, mas não, dessa vez desapareceram mesmo. Caixas inteiras, lacradas, daquelas da tarja preta, já chegaram a desaparecer. E quais as chances de uma palheta cair justamente dentro da caixa do violão? E por que é tão difícil tirá-la de lá?

Tudo isso é obra e graça de Dr. Pacheco, e a prova disso é que muitas outras coisas estranhas têm lugar, e quem mais seria capaz dessas proezas? Você olha para o seu copo de cerveja e de repente ele está vazio. Seu cigarro de camomila apaga do nada. Outras vezes você apaga e ele acende de novo, que nem aquelas velinhas de aniversário. Você acende a luz da sala e a televisão liga sozinha. A ventania para no exato momento em que você termina de fechar todas as portas e janelas. O telefone toca: não é ninguém. Ou então é uma ligação de São Paulo, mas também não é ninguém. Ou pelo menos é alguém que não diz nada. Mas se era pra não dizer nada, pra que fazer uma chamada telefônica? Há relatos ancestrais de pombos-correios recebidos sem mensagem nenhuma. “Esse Dr. Pacheco!... É mesmo um verdadeiro patusco!” Era o que os sabedores diziam na cidade ali pelos idos dos oitocentos, e se riam, riam-se muito, bonachões, que o tempo era de paz e de folgança, posto que os negros cuidavam de tudo por então.

Desde essa época, senão de antes, ensina-se nos círculos esotéricos batataenses, que talvez já existissem antes da fundação da cidade, que só há duas certezas na vida: a de que nunca morremos, e a de que Dr. Pacheco age de maneiras misteriosas. Para bom entendedor, nem meia palavra é necessária: basta um gesto, um sinal, ou mesmo a ausência de um sinal. Só quem está verdadeiramente desperto consegue se aperceber do milagre que é uma fatia de pão com manteiga em que o rosto de Jesus Cristo não aparece de jeito nenhum, por mais fixamente que se olhe para ela. Mas Dr. Pacheco não para: na maioria das vezes passam-se meses inteiros sem que absolutamente nada aconteça, o que, convenhamos, já é muito estranho por si só, e de repente, quando você olha, mais um ano se foi, e nada de impeachment. Há, em contrapartida, quem refira fenômenos extremos: estiagens prolongadas, focos de incêndio, pandemias, óleo cru espalhado por longas extensões de uma encosta litorânea, o dia que vira noite sem mais nem menos e não é chuva nem eclipse. “Sinais dos tempos”, dizem os pobres. Nada sabem de Dr. Pacheco.

Mas afinal, você me pergunta, quem é Dr. Pacheco? Por que apronta dessas com a gente? Por onde andaré agora? E o que, afinal, deseja de nós? Perguntaria ainda o apresentador de televisão: onde vive, do que se alimenta, como se reproduz? Mas aí já seria muita indiscrição, não acha não? Para as demais perguntas, assim como para todas as questões fundamentais da existência, as respostas não podem ser ditas: apenas encontradas, e então silenciadas (esse é outro dos ensinamentos dos círculos supracitados, e há muitos desses preceitos, a diferença é que destes não se pode ter certeza). E onde, você insiste, onde podem ser encontradas tais respostas? Uma sugestão: comece pelos bolsos das suas calças.